

## EDITORIAL

É com muita alegria que a comissão editorial, após passar por um difícil período de captação de artigos para a composição do volume - realidade que é comum para os periódicos brasileiros de diferentes *qualis* - traz o novo número da Contraponto, com o objetivo de contribuir para o debate sociológico a partir da temática Sociedade e Conhecimento. Temática que vem mostrando desdobramentos políticos e culturais complexos e que deve ser abordada a partir de diferentes epistemologias.

Mesmo encontrando dificuldades em nosso caminho, nós, os editores, decidimos por nos esforçar no sentido de montar uma edição que pudesse ser muito proveitosa para as discussões entre nossos pares. E, de maneira surpreendente, muitos autores de outras áreas nos procuraram com o intuito de publicar seus trabalhos, respondendo à nossa chamada por contribuições. Isso nos deixou muito felizes não apenas pela imagem que a revista passou em sua página na internet, mas também pelo *status* que a sociologia parece ter alcançado no meio acadêmico em geral: o de se mostrar receptiva a autores de outros campos do conhecimento humano. Poderão ser apreciados, nessa edição, artigos tanto de diferentes áreas - sociologia, matemática, comunicação, antropologia, ciência política, direito - quanto de diferentes locais do país – como Porto Alegre, Ceará, Pelotas, etc.

Se o primeiro número se caracterizou por sua abrangência geográfica, reunindo autores de diferentes Programas de Pós-Graduação e de diferentes países, esse novo número se caracteriza pela abrangência disciplinar. Isto porque gostaríamos de fazer um movimento duplo: o de, por um lado, levar os sociólogos a lerem outras áreas para além daquelas que interseccionam com seus objetos de pesquisa e, por outro lado, atrair leitores de distintas áreas para a prospecção de nossa publicação, buscando realizar assim uma troca de ideias que possa ajudar na renovação de mais campos do conhecimento humano.

Agora apresentamos brevemente os artigos que compõem este número, buscando apontar as questões que estes podem suscitar para a própria sociologia. As características em comum dos materiais das disciplinas que nos chegaram apontaram para uma classificação *a posteriori* destes, capaz de definir um sentido para todo esse fluxo de dados e marcos teóricos que eles mesmos

apresentam. Assim, optamos por criar sessões temáticas - é verdade que é um recurso muito mais comum a livros e anais de eventos do que a periódicos - para poder fortalecer a coesão dos artigos entre si, de modo a tornar mais explícito o seu diálogo interior em cada sessão e, ao mesmo tempo, com os demais trabalhos presentes na edição. Assim, organizamos os seguintes blocos: Sociedade, Conhecimento e Técnica; Sociedade, Conhecimento e Teoria Social; Sociedade, Conhecimento e Religião; Sociedade, Conhecimento e Relações Sociais. Tais conceitos, dotados de significantes infinitos, estão definidos pelos autores em seus trabalhos a partir de epistemologias e metodologias diversas, não cabendo a nós a tarefa de defini-los justamente para fazer justiça a essa multiplicidade.

A primeira dessas seções é a da Sociedade, Conhecimento e Técnica, este último termo podendo causar estranhamento para os leitores em um primeiro momento. Definimos técnica uma abordagem, como a busca de cada um dos artigos dessa seção de analisar as condições de produção de determinado conhecimento, no caso dos artigos, o cinema, a saúde e o ensino. O primeiro ente deste percurso é artigo do pós-graduando em antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul Vitáli Marques Corrêa da Silva, “A decadência moral do *american way of life* vista por Hollywood: uma análise crítica dos filmes ‘Beleza Americana’ e ‘Clube da Luta’”, que analisa que analisa o conteúdo ácido das duas produções cinematográficas supracitadas no seu título com relação ao estilo de vida americano. A conclusão do autor é bastante instigante: a de que esses filmes em verdade não romperiam com a ideologia descrita por esse estilo de vida ao fim e ao cabo. Assim, é uma reflexão genuinamente sociológica que pode se confrontar com interpretações mais usuais que consideram esses filmes anti-sistêmicos, enxergando estas produções cinematográfica um desejo de ruptura com o *american way of life*. Ou seja, seriam mais filmes cartáticos que, em termos dumontianos, reforçam a estrutura mais do que a negam, de maneira essencial.

Seguimos com a seção a partir do artigo “Controvérsias Médicas: um estudo sobre determinada prática médica (i)legal”, do sociólogo Teógenes Luis Silva da Costa. Nele, o autor se debruça sobre um tema inédito tanto para as ciências sociais quanto para as ciências da saúde, qual seja, a questão da terapia denominada hemoterapia, que consiste na retirada de sangue de uma

veia do paciente e a sua posterior reaplicação em um músculo do mesmo. O foco do autor são as controvérsias que se geram a partir desse tratamento, o modo como alguns discursos acabam por legitimar ou deslegitimar essa prática, atribuindo-lhe a pecha de médica ou não. Como se não bastasse o ineditismo e a relevância do trabalho, o autor ainda constrói uma ponte com as ciências da saúde ao trazer uma reflexão genuinamente sociológica, com autores das ciências sociais, sobre o objeto das ciências da saúde, que é a intervenção sobre o corpo com determinado viés.

Por fim, encerramos esta seção sobre técnica com o artigo do matemático e educador Gilberto Silva dos Santos, “Da parresia à realidade: pensando a constituição docente na educação matemática contemporânea”, o qual versa sobre um assunto muito caro à sociologia, que é a questão dos regimes de verdade. A matemática, na percepção do autor, é considerada como avaliadora, fiadora e formuladora do real, e a educação matemática contemporânea busca justamente ir além dessa percepção tradicional, na ânsia de inserir o aluno no real, para além de lhe apresentar o mundo das ideias platônicas. Um assunto essencial para a teoria da modernização (tema central da fundação da sociologia), que implica a matematização das ciências - e por conseqüência da percepção adequada da realidade através do método científico que seria um poder-saber - através do uso da estatística, que acaba também influenciando nos julgamentos morais. Assim, revela-se um estudo de caso de uma tendência já apontada por diferentes sociólogos.

Em seguida, temos a seção Sociedade, Conhecimento e Teoria Social. Abrimos essa parte com o trabalho “Epistemologia das Ciências Sociais: enfrentamentos e apontamentos entre três espaços geoepestêmicos e suas implicações metodológicas”, de autoria dos sociólogos Felipe Vargas, Camila Dalagnese Prates e Rodrigo Ciconet Dornelles, que nos propõem um exercício interessante: o diálogo sobre alguns pontos específicos entre três escolas (de Edimburgo, de Bath e de Paris) a partir da amostra de três autores (Michael Caloon, Steven Yearley e Bruno Latour) na área da Epistemologia. O artigo é um exercício muito interessante de colocar autores que estão em intertexto em um mesmo texto e de acabar extraíndo desse exercício ideias que podem ir além do mero embate inicial, adicionando a reflexão própria dos autores.

Em seguida, apresentamos o artigo “Sociologia durkheimniana e autonomia política na sociedade civil”, de autoria do sociólogo e bacharelado em direito pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul Gustavo Schütz, que traz uma interessante reflexão teórica sobre Durkheim e a sua teorização acerca da sociedade civil. Esse tipo de reflexão de segunda ordem ajuda a explorar a complexidade do pensamento durkheimniano, como as noções de grupamentos secundários, a qual acreditamos que em geral é ignorada em prol de uma noção preconceituosa de que Durkheim seria um autor apenas determinista, de modo a imaginar que a sociedade seria um ente uniforme e homogêneo. Em tempo: antes do fechamento desta edição aconteceram os protestos no dia quinze de março de dois mil e quinze, no qual muitos participantes empunharam placas e bandeiras pedindo por democracia. Isto demonstra que há muitos sentidos de democracia – o pedido da intervenção militar como sendo um desses sentidos – sendo disputados e Durkheim pode contribuir neste debate sempre inacabado.

Por último nesta seção, está o artigo “Identidade e pós-identidade, uma perspectiva queer”, de autoria de Caio Ramos da Silva, bacharel em filosofia e comunicação social (ênfase em publicidade e propaganda) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. O trabalho se refere à teoria queer como uma maneira de lidar com a multiplicidade de significados que é possível atribuir ao conceito de identidade, que engendram dominações específicas de algumas identidades sobre outras. Assim, o autor realiza interessantes revisões de conceitos, como o de performatividade, para embasar sua reflexão. Consideramos esse assunto da identidade como vital para a teoria sociológica, visto que a identidade como concebida no Renascimento (que a pensa de maneira una) ainda é utilizada como unidade de análise por vários autores e por muitos atores da sociedade civil para embasar suas relações, e esforços como os do autor podem nos ajudar a relativizar alguns conceitos que passam como já estabelecidos.

A penúltima seção é composta por dois artigos que discutem o conhecimento, a sociedade e a religião, escritos por duas pesquisadoras do Núcleo de Estudos da Religião (NER) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Iniciamos esta parte com o artigo “Terapias Integrativas e Complementares: itinerário terapêutico e espiritualidade, uma possível reflexão”, de autoria de Karine Mendonça Rodrigues, graduada em enfermagem e pós-

graduanda em antropologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Neste artigo a autora demonstra o modo como a introjeção de características de uma cultura externa à brasileira podem influir em um valor em si na cultura ocidental: a questão da saúde do corpo. Assim, trazendo em sua sustentação teórica uma noção mais total de corpo e menos especializada na sua condução, a autora tenta demonstrar que essa instrumentalização da medicina oriental pode ter consequências benéficas para alguns pacientes.

Subsequentemente a este trabalho está o artigo da cientista social e pós-graduanda em antropologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Natana Botezini, que aborda os processos de reconfiguração do campo religioso – com enfoque analítico nas religiosidades esotéricas, místicas e gnósticas – a partir da emergência da modernidade nas sociedades ocidentais. Com base em observações etnográficas junto a participantes da Sociedade Teosófica de Porto Alegre e em pesquisas bibliográficas, o artigo tem o mérito de demonstrar que, diferentemente das teorias que previam um processo de abolição da religião em sociedades fortemente racionalizadas, as espiritualidades esotéricas se mantêm vivas e cumprem papel relevante frente a cenários de “incertezas estruturais” e pautados pela inovação constante. O esoterismo, então, é um movimento religioso de sobrevivência frente às rupturas epistemológicas causadas pela modernidade e de crítica a preceitos puramente racionais.

Concluimos o volume com preleções sobre Sociedade, Conhecimento e Relações Sociais. Optamos por iniciar esta seção com o artigo de Éverton Garcia da Costa (bacharel em letras, mestre em Ciências Sociais pela Universidade Federal de Pelotas e doutorando em sociologia pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul) e de Gabriel Bandeira Coelho (Bacharel em ciências sociais e mestrando em sociologia pela Universidade Federal de Pelotas), “Eu compartilho, tu compartilhas, nós compartilhamos: a hiper-realidade, o grande outro e as relações sociais no *Facebook*”. O trabalho se dedica a analisar a rede social Facebook a partir da contribuição de Braudillard e de Lacan, buscando construir uma reflexão sociológica sobre os atos de “curtir” e “compartilhar”, gestos banais para usuários das redes que acabam por ter implicações complexas e que os autores buscam aprofundar em seus escritos.

Encerramos a seção e o volume com o artigo ““Grandes famílias”, política e estratégias escolares: conversões, reconversões e legitimação” do cientista

social pela Universidade de Brasília e mestrando em ciência política na Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Pedro Vasconcelos. É um trabalho que se mostra muito interessante por conta do assunto que estuda, que é um tema presente na fundação da antropologia - as linhagens. O assunto do autor é muito interessante para os estudos sobre a modernidade ao pensar a continuidade da condição de nobreza para determinados grupamentos sociais, que remetem para as discussões realizadas por Louis Dumont, sobre o holismo hierárquico.

Gostaríamos de deixar alguns agradecimentos pelo número que aqui disponibilizamos para a comunidade científica. Em primeiro lugar, agradecemos à primeira equipe editorial, que iniciou essa trajetória assumindo todos os obstáculos que são comuns aos periódicos iniciantes. Agradecemos também aos nossos autores pelos envios dos artigos e disponibilidade para dialogar com a comissão editorial. Agradecemos, por último, à Ana Gabriela Clipes Ferreira pelo apoio técnico no uso da plataforma SEER.

Sem mais, desejamos a todos que, além de uma boa leitura, obtenham uma experiência enriquecedora na leitura deste volume. Quando conseguimos realizar incursões fora da excessiva especialização de nossas áreas é que podemos ter *insights*. E é nesses momentos que o normal (expresso nos conceitos que utilizamos também) ganha contornos de não-estabelecido e o sociólogo se torna mais sociólogo do que nunca.

Os Editores